

O português da FIFA

A paixão pelo futebol levou-o a abraçar um mestrado em Direito do desporto.

Hoje, é o único português nos quadros da FIFA **Texto de André Julião**

NASCEU para a bola, mas não é jogador, treinador ou dirigente. Com apenas 30 anos, Gonçalo Almeida é o único português a trabalhar nos quadros da FIFA e pelas suas mãos passam muitos dos ca-

gios pendentes na FIFA que envolvem clubes, jogadores e treinadores dos quatro cantos do mundo. «Devido à minha língua materna, acabei por ficar responsável pela maioria dos processos

dos clubes, do mais pobre ao mais rico, acabam por estar envolvidos em litígios. É a regra e não há exceções». Ao contrário do que muitos pensam, Portugal não é dos países que mais «quei-

dos amigos são difíceis de suportar, mas sinto-me bem na FIFA, faço o que gosto e respiro futebol todos os dias». A sua odisséia é, contudo, bem diferente da célebre «mala de cartão» que durante anos caracterizou a debandada lusitana para o estrangeiro. Tudo começou numa conversa de café entre amigos, corria o ano de 1999. Licenciado em Direito e acabado de entrar para a Ordem dos Advogados, o jovem Gonçalo queixava-se da saturação do mercado e suspirava por uma especialização. Queria dar o salto. Foi então que, através de um colega, soube de um novo mestrado em Sociologia, Gestão e Direito do Desporto que iria ser lançado pelo Centre International d'Études du Sport (CIES) e patrocinado pela FIFA. Amante de desporto e adepto incondicional de futebol, não pensou duas vezes e decidiu mudar de ares. «Um dia depois, a primeira coisa que fiz foi dirigir-me à Federação Portugue-

Liverpool e Manchester United». Um investimento que suportou por inteiro, mas que, aos 29 anos, lhe valeu um convite para integrar os quadros do gabinete jurídico da mais importante instituição do futebol mundial. O útil juntava-se ao agradável e um dos sonhos do jovem Gonçalo começava a realizar-se. Podia agora gabar-se de ser o único português nos quadros da FIFA e de fazer parte do restrito grupo de advogados de várias nacionalidades a quem compete interpretar e aplicar a legislação desportiva internacional.

O seu clube do coração não o revela a ninguém, mas a receita para o sucesso essa é clara como água: «Muita gente critica os altos ordenados que alguns dirigentes desportivos auferem, mas esquecem-se que hoje os clubes de futebol são empresas e necessitam dos profissionais mais capazes. O tempo dos 'bombeiros', que faziam um pouco de tudo, já lá vai». Por enquanto, a ideia de



Nuno Botelho

sos que abalam o futebol nacional.

Há mais de um ano que o jovem luso integra a selectiva equipa de sete advogados que compõem o departamento de serviços jurídicos da FIFA — o organismo máximo do desporto rei — sediado em Zurique, na Suíça. Começou por ser um dos responsáveis pela interpretação e aplicação prática do novo regulamento sobre o Estatuto e Transferências de Jogadores, mas, à custa da língua materna e de muito trabalho, foi alargando o leque de funções. Hoje, trata de muitos dos lití-

«O clima e as saudades são difíceis de suportar, mas na FIFA sinto-me bem e faço o que gosto»

que envolvem clubes portugueses, brasileiros e alguns africanos, além de diversos outros oriundos de todos os continentes», diz Gonçalo Almeida. Embora a decisão final caiba ao Comité do Estatuto do Jogador, o jurista português tem a responsabilidade de solicitar as provas, reunir toda a documentação e estabelecer os prazos a cumprir, levando depois os casos à apreciação dos decisores. «To-

xinhas» faz à FIFA: «Trata-se de uma tendência mundial. Portugal não recorre mais do que os outros e está mesmo longe de ser dos que têm maior número de casos pendentes».

A paixão pelo futebol e o gosto pela profissão são, para o jovem advogado, mais fortes que o clima gélido da Suíça, onde a vida de imigrante nem sempre é péra doce. «O frio e as saudades da família e

sa de Futebol para obter mais informações», relembra.

O ano seguinte, passou-o entre Leicester (Inglaterra), Milão (Itália) e Neuchâtel (Suíça), onde aprendeu todas as manhas da legislação desportiva e conheceu a realidade dos maiores clubes de futebol do velho continente: «Tive oportunidade de receber formação de técnicos do AC Milan, Inter de Milão, Parma, Lazio,

voltar para Portugal está posta de parte. A carreira na FIFA está à espera e, embora já tenha sido sondado por algumas entidades desportivas, o futuro passa mesmo por Zurique. Talvez volte um dia para abrir um escritório de advocacia ligado ao desporto ou, quem sabe, ser a contratação da época de um dos 'grandes' da Liga. É que o futebol não se joga apenas dentro das quatro linhas. ▀